


INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	DOU, 51 (194)
Data	4/10/2003 Pg 43-5
Class.	TCD 09 156

ANEXO

RESUMO DO RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA MATINTIN

Referência: Processo FUNAI/BSB nº 2.057/99 - Identificação e Delimitação. Terra Indígena: Matintin. Superfície: 20.400 ha. Perímetro: 100 Km. Localização: Municípios de Santo Antônio do Içá e Tonantins, Estado do Amazonas. Sociedade Indígena: Ticuna. Família Lingüística: Tukúna. População: 146 habitantes (1998). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico instituído pelas Portarias nº 579/PRES, de 09/11/1998 e nº 1.102/PRES, de 29/11/1999, coordenado pelo antropólogo Noraldino Vieira Cruvinel, tendo como especialista no grupo Ticuna o sociólogo Fabio Vaz Ribeiro de Almeida.

I - DADOS GERAIS

Os Ticuna, Tikúna, ou Tukúna constituem-se no grupo étnico de maior expressão populacional do território nacional. Soma mais de 30.000 pessoas no Brasil, 4.200 no Peru e 4.535 na Colômbia. No território pátrio estão distribuídos nos Municípios de Alvarães, Amaturá, Anamá, Benjamim Constant, Beruri, Jutai, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Tabatinga, Tefé, Tonantins e Uarini, ocupando 27 terras indígenas e cerca de 120 aldeias.

A língua dos Ticuna é classificada pelos especialistas como uma língua isolada, não encontrando filiações com outras línguas conhecidas. Valorizada pelo grupo, é de uso generalizado nas falas entre os próprios Ticuna, independente das fronteiras nacionais. O português é de uso corrente nas relações interétnicas com os brasileiros, a exceção das mulheres que no geral ainda sentem dificuldade no uso dessa língua.

O início do procedimento administrativo de regularização fundiária das TIs Ticuna ocorreu em 1978, estando a maioria das áreas ocupadas pelo grupo regularizada. Algumas áreas mais distantes do centro do território historicamente ocupado pelo grupo, como a TI Matintin, ficaram, no entanto, fora desse primeiro momento de regularização que, pode-se dizer, foi concluído no ano de 1993, com a demarcação de seis das principais terras desta etnia (cerca de 90% do total de suas terras). A primeira tentativa para identificar e delimitar a TI Matintin ocorreu por determinação da Portaria no 1133/PRES/1993, não tendo os esforços de então logrado êxito. Novos esforços foram empreendidos com a implantação do PPTAL, que disponibilizou os recursos necessários para o GT do qual resultou o presente relatório. O GT de Identificação e Delimitação das TIs Maraitá, Matintin, Nova Esperança e São Francisco do Canimari foi instituído pela Portaria no 579/PRES/98, e alterado pelas Portarias nº 639/PRES/98 e nº 1102/PRES/99, contou com a participação de técnicos da FUNAI, do IFAM e da Universidade do Amazonas

Lideranças Ticuna da área e de algumas de suas organizações participaram dos levantamentos realizados em toda a terra indígena. A população das três aldeias, além de participar ativamente das discussões sobre os limites da área, nomeou representantes para acompanhar os técnicos do GT a todos os locais a serem visitados e prestar, de pronto, as informações que se fizessem necessárias. Os estudos e levantamentos procedidos pelos técnicos na área ocorreram em dois momentos diferentes: julho de 1998 e dezembro de 1999. São de 07/1998 a grande maioria dos dados de campo constantes deste relatório, inclusive aqueles que levaram à definição dos limites da Terra Indígena que, visitada pelo coordenador do GT instituído pela Portaria nº 1102/PRES/99, teve seu limites confirmados junto ao grupo em 1999.

A TI Matintin, localizada às margens dos rios Içá e Tonantins, dista em cerca de dez horas em motor do centro da cidade de Santo Antônio do Içá, que fica a aproximadamente 1.330 km de Manaus, a capital do Estado do Amazonas. O nome Matintin, para os Ticuna, está relacionado a um pássaro cor de palha, que, segundo contam, pode ficar invisível. Esse pássaro, contam, ainda, sopra uma flauta feita de osso humano e sua presença está associada a um feitiço de morte e ao espírito de um pajé.

Resumo do Histórico de Ocupação da Região de inserção da área da TI Matintin.

Segundo o antropólogo Curt Nimuendajú, autor do primeiro estudo sistemático sobre a etnia Ticuna, identificou como seu território tradicional as áreas de terra firme na margem esquerda do Solimões, entre as longitudes de 71° 15' (Ilha Peruaté) e 68° 40' W; os tributários: Atacuari; Loretoyaçu; Mariaçu; Tacana; Belém; Coajari; São Jerônimo; Sta Rita; e o mais alto curso da drenagem que esvazia no Putumayo - Iça; o Yahuas; o Cotuhé; Porutê e Jacurapá. Foi do centro desta área, do igarapé conhecido como Èvare, que, segundo o mito Ticuna de criação do mundo, os primeiros Ticuna partiram em direção ao Oeste e ao Leste, configurando, ao longo do tempo, a atual dispersão geográfica do grupo.

Os Ticuna que viviam em terra firme, nas margens dos igarapés afluentes da margem esquerda do rio Solimões, são citados na história da região amazônica pela primeira vez como inimigos dos Omáguas, que eram, no século XVI, moradores das ilhas e margens do alto Solimões e baixo Napo. Em 1645, instalam-se na região missões franciscanas espanholas lideradas pelo Frei Laureano de La Cruz, proveniente de Quito, que inicia a catequização dos Omáguas. Essas missões fracassam e, mais tarde, chegam os jesuítas, com Samuel Fritz, que vê, aos poucos, a crescente diminuição dos Omáguas. Caçadores de escravos, epidemias de varíola e outras doenças européias, assim como a guerra entre os portugueses e os espanhóis pelo controle do território, fizeram com que os Omáguas fossem praticamente

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO DO PRESIDENTE
Em 3 de outubro de 2003

Nº 93 - O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/2057/99, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria do antropólogo NORALDINO VIEIRA CRUVINEL e do sociólogo FÁBIO VAZ RIBEIRO DE ALMEIDA que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena MATINTIN de ocupação do grupo tribal Ticuna, localizada nos municípios de Santo Antônio do Içá e Tonantins, Estado do Amazonas.
2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Amazonas, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.
3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada nas sedes das Prefeituras Municipais da situação do imóvel.

MÉRCIO PEREIRA GOMES

dizimados. Essas mesmas causas enfraqueceram os Mayoruna que ocupavam parte da margem direita do rio Solimões, assim como aos Kokáma, habitantes e exploradores de alguns pontos dela. Com isso ocorreu o "espalhamento" do grupo levando-o a se estabelecer ao longo das duas margens e ilhas do grande Solimões, onde muitos deles vivem hoje. Nestes locais foram também submetidos à catequese, à espoliação, e às políticas públicas que buscavam a sua extinção enquanto povos diferenciados.

No final da primeira década do século XX, inicia-se uma série de mudanças na ordem então instalada na região. Uma nova agência de contato se faz presente no Alto Solimões. Os capuchinhos vindos da província da Úmbria, na Itália, instalam a Prefeitura Apostólica do Alto Solimões e iniciam suas atividades, as quais atingem diretamente os Ticuna. É também desse mesmo ano a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Sua presença na região, nessa situação de domínio dos seringalistas, era meramente formal, ou seja, restrita a relatórios de um delegado desta repartição a partir de 1917. É somente em 1942 que este órgão da administração federal vai criar um posto na região, o Posto Indígena Ticuna, instalado em Tabatinga. É, a partir dele, que a ação do Governo Federal se faz presente de fato no alto rio Solimões e que se reconhece, em 1945, a primeira reserva indígena Ticuna no Alto Solimões, a atual TI. Tikúna de Umariaçu.

Uma nova situação histórica começa a se delinear em meados da década de 60, com a Amazônia e sua faixa de fronteira tendo se transformado em área de segurança nacional para o exército brasileiro. A antiga guarnição militar de Tabatinga cresce em tamanho e importância, transformando-se no Comando de Fronteira do Solimões (CFSOL), com mais autoridade para intervir localmente. Isso faz com que a relação entre patrões e índios seja profundamente alterada. Sem a possibilidade da coerção por castigos físicos, coibida pelo Exército, os patrões tiveram que descobrir outros modos de fazer valer seu controle sobre a população indígena, para o que utilizaram-se de um movimento de cunho messiânico que se instalava na região. O centro deste movimento era o Irmão José, que anunciava a proximidade do fim do mundo, e que só se salvariam aqueles que se reunissem em torno da Cruz, arrependendo-se de seus pecados e seguindo seus mandamentos. A Ordem da Cruzada Apostólica Evangélica, ou Movimento da Santa Cruz, como ficou conhecido, atingiu indiscriminadamente os Ticuna e os "brancos" moradores da região, configurando-se como de capital importância para a questão fundiária regional, seja para os índios, seja para os patrões não-indígenas.

Uma nova situação histórica começa a se configurar no Alto Solimões na década de 1970, a partir do contato com outros atores sociais como o antropólogo João Pacheco de Oliveira Filho, dentre outros, e em face de uma nova importância atribuída à região, que possibilitou a captação de recursos do Programa de Integração Nacional (PIN) para atender às populações indígenas que habitassem a área da construção da Transamazônica e da Perimetral Norte. Isso deu à FUNAI uma base econômica que lhe permitiu expandir e elevar qualitativamente seu nível de atuação no Alto Solimões. A partir de finais da citada década de 70, os Ticuna começam a se organizar. Superando faccionalismos, parte da própria tradição, se mobilizam no sentido de reivindicar seus direitos à terra, pelo que é instituído, a partir de 1982, um grupo de trabalho com o fim de identificar as terras Ticuna.

Histórico da Ocupação da Terra Indígena Matintin

O baixo Içá se insere no contexto da colonização do Alto Solimões, e a ocupação de algumas áreas daquele rio pelo grupo não pode ser vista como diferente da que ocorreu em outras áreas da região, ou seja, a partir do extermínio e fuga de outras tribos que ali viviam, como os Pasé. A presença indígena Ticuna é bastante antiga no Baixo Içá, registrando a história a instalação do grupo nas margens desse rio por volta do século XVII. Por sua vez, é de 1854 a comprovação da ocupação Ticuna de parte das margens do rio Tonantins, que tem parte de sua margem direita dentro da TI. Matintin.

A aldeia mais antiga da Terra Indígena Matintin é a de Vista Alegre, "fundada" por volta de 1973, como vila espiritual do Movimento da Santa Cruz, junto a um local já habitado pelo grupo Ticuna (família do Eleutério) há pelo menos oitenta anos. A aldeia de Novo Dia, a maior delas, foi em termos cronológicos a segunda a se formar. Sua fundação também se deu sob a influência do Irmão José e de sua religião, a da "Santa Cruz". Das três aldeias, esta é a que apresenta uma maior capacidade de aglutinar moradores vindos de outras áreas tradicionais Ticuna, principalmente devido à existência ali de uma escola onde as crianças podem estudar.

Os Ticuna têm, por tradição, a migração resultante de várias causas, como: do faccionalismo interno; da histórica perda de hegemonia dos Omáguas na região do Alto Solimões; de movimentos de cunho messiânicos ocorridos com maior intensidade nas décadas de 1930/40 e 1970; da imposição dos seringalistas com a exploração da borracha, sobretudo entre 1840 e 1920; da busca de melhores condições de vida - escola para os filhos, atendimento médico, comércio para sua produção. Isso, contudo, não constitui qualquer prática de secessão, já que os que migram mantêm-se, de alguma maneira, referenciados ao Évare, seu território mítico, continuam com os usos, costumes e tradições do grupo, e se relacionando cultural e fisicamente com a aldeia de origem, quando esta ainda continua a existir, ressalvadas as atualizações advindas com a migração. Pelo tempo de existência das aldeias Matintin no local, pelas condições oferecidas pela área, pela visão que a população do local tem em face de ter sido o primeiro local escolhido pelo Ir. José para nele se construir a sede da irmandade, e pela expectativa dos seus habitantes

quanto à permanência no atual local, não há nenhuma evidência de possível abandono da área.

II - HABITAÇÃO PERMANENTE

Das três aldeias da área, Boa Vista conta com 19 habitantes, Vista Alegre com 32 e Novo Dia com 95. As últimas estão situadas à margem esquerda do paraná do Matintin e a primeira à margem do rio Içá. Suas localizações atendem aos padrões atuais do grupo para a implantação das suas aldeias. As casas da TI. Matintin são construídas no estilo regional e com material coletado na área. No geral, as habitações possuem uma construção anexa que serve de cozinha e área de lazer e trabalhos manuais. São nesses espaços que ocorrem a maioria das relações com os vizinhos e visitantes.

III - ATIVIDADES PRODUTIVAS

Da descrição detalhada no relatório apresentado pelo Zootecnista Deusimar Brasil, no processo FUNAI/BSS nº 2057/99, folhas 056 a 163, conclui-se que as principais atividades produtivas praticadas pelos Ticuna, especialmente pelos habitantes da TI. Matintin, são: a) os cultivos de terra firme e de várzea, de capoeiras e de quintais. Cultivam nestes locais uma grande variedade de plantas, das quais destacam, a mandioca, o milho, a banana, a melancia, uma grande variedade de frutas, e diversas espécies de plantas utilizadas na medicina tradicional. A área de terra firme, entre o paraná do Matintin e o rio Tonantins, é a única para o cultivo de terra firme e as das margens do rio Içá e do paraná do Matintin para cultivos de várzea. As áreas dos quintais estão na Gleba I e ficam próximas às habitações e às casas de farinha construídas junto às roças de terra firme ou roças de sequeiro; b) a pesca é a principal fornecedora de proteína animal para os Ticuna e, atualmente, uma importante fonte de renda através da venda de peixes aos frigoríficos flutuantes, que comercializam o pescado na cidade colombiana de Letícia. A unidade de paisagem predominante é o lago, vindo em seguida o rio e o igarapé. A canoa e o remo (naemü) são os principais meios de transporte para os locais de pesca. Das espécies mais capturadas destacam-se: matrinxã, pacu, acará-açu, aruanã, branquinha, bodó, jaraqui, mandi, piranha, sardinha, trairá, tucunaré, surubim. Os principais locais utilizados para a pesca na TI. Matintin são: o rio Içá, os igarapés, os igapós; e os lagos (nataa) Mapuru, Tamborim, Arapatá, Piranha, Jacipara, Dário, Comprido, Redondo, Jaciparinha, Branco, Caiwá e Tucum. Destes, o Mapuru é o mais importante; c) a Caça que, embora não tão importante quanto no passado, conta com bons e prestigiados caçadores. As unidades de paisagens exploradas nesta atividade são as matas de terra firme, a várzea e as capoeiras, sendo os igarapés, os lagos e as unidades de recursos como os buritizais e açazais os locais mais procurados quando se sai para caçar. A espingarda calibre 12 é a principal arma utilizada nas caçadas em terra firme. O arpão e a captura manual são utilizados nas caçadas aos animais aquáticos, como o peixe-boi e bicho-de-casco. Dos locais mais utilizados para a caça são destaques: a região próxima do lago Tamborim, onde há um buritizal que proporciona boas caçadas de jaboti, cotia, paca, dentre outros; a região do igarapé Tauapu, rica em uma grande variedade de animais, inclusive os de grande porte e muito apreciados, como a anta, o veado, o porquinho, a queixada; e a região do lago Mapuro, utilizada para caça, pesca, e coleta; d) o extrativismo e coleta são, para os Ticuna, fontes importantes de subsistência, obtendo-se destas atividades uma grande gama de produtos, que são destinados ao atendimento das mais diversas finalidades: alimentação humana e de alguns animais; construções diversas, inclusive de habitações e canoas; caça; pesca; medicamentos; rituais. Da coleta animal praticada pelos Ticuna são destaques: o mel de abelha, a cera, a tanajura, a larva muxivara e o cupim, sendo a que o mel é o produto mais procurado e consumido, tendo como período de coleta mais importante o verão. Os múltiplos produtos oriundos dos vegetais são obtidos por diferentes agentes e de todas as partes das plantas. A construção das casas, das embarcações e o artesanato utilitário, de lazer e/ou ritualístico, depende basicamente dos vegetais para suas fabricações; e e) atividades criatórias. É da tradição cultural Ticuna a prática ocasional de atividades criatórias de vários animais de estimação, dos quais destacam as araras, os papagaios, os periquitos, jacamins, macacos, porquinhos, queixadas. O conhecimento de práticas criatórias dos não-índios, a diminuição das fontes tradicionais de proteínas e a busca de novas fontes de recursos financeiros têm favorecido a criação de vários animais nas aldeias Ticuna, destinados ao consumo ou venda, como galinha, pato e porco.

IV - MEIO AMBIENTE

O meio ambiente Ticuna possui dois grandes ecossistemas gerais: várzea e terra firme, os quais são diferenciados em sua origem e propriedades naturais. A área é de clima tropical, chuvoso e úmido, com temperaturas variando entre 15° e 40°C. No contexto desses dois grandes ambientes naturais, localizam-se as várias unidades de paisagem que são manejadas ou conservadas pelos Ticuna da TI. Matintin, que delas se servem para subsistir física e culturalmente.

As áreas imprescindíveis à preservação dos recursos naturais necessários ao bem estar e as necessárias à reprodução física e cultural dos Ticuna da TI. Matintin, segundo os seus usos, costumes e tradições são, basicamente, as seguintes: 1) para a pesca, caça e coleta, os lagos (nataa) Mapuru, Tamborim, Arapatá, Piranha, Jacipara, Dário, Comprido, Redondo, Jaciparinha, Branco, Tucunaré, Cuiawá e Tucum; 2) a região do entorno do mencionado lago Mapuru, pela presença de breu na mata ciliar próxima, que utilizam para fazer a calefação de suas canoas e para a venda em Santo Antônio do Içá; 3) a floresta da Gleba I, que vai das margens esquerdas do paraná do Matintin e do rio Içá, onde estão as três aldeias, até a margem

direita do rio Tonantins, destinadas à moradia, caça, e coleta; 4) o rio Içá, o paraná do Matintin e os vários igarapés que cortam as duas glebas da área proposta, e que fornecem água para consumo dos habitantes das três aldeias e dos animais da área, permitem os deslocamentos mais diversos, seja para a caça, coleta, pesca e visitas ao centro urbano mais próximo, a cidade de Santo Antônio do Içá, assim como aos vizinhos e às demais aldeias Ticuna.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

A organização social dos Ticuna é descrita como composta por grupos de descendência, cujo pertencimento se dá por linha paterna. Esses grupos foram caracterizados por especialistas no grupo como clãs, e podem ser agrupados em metades exogâmicas onde, de um lado, temos as nações com pena (arara, mutum, maguari) e de outro, as nações sem pena (onça, buriti, saúva). Sua origem é contada no mito Ticuna que descreve a criação do mundo.

Desde o passado mais remoto do qual se tem notícia, a sociabilidade Ticuna é realizada de modo mais usual dentro de uma microsociedade representada pela maloca de uma nação. Estas habitações caracterizavam-se pelas suas grandes dimensões, pelo formato circular, com uma área central retangular, pelo fato de serem encontradas isoladas e por se tratar de moradia de mais de uma família. A colonização da área pressionou para a fragmentação das malocas clânicas, no sentido de adequar o tipo de habitação Ticuna aos padrões de interesses do colonizador, sendo as habitações atuais majoritariamente idênticas àquelas típicas da população regional, ou seja, retangulares, fechadas com paredes de madeira e suspensas sobre estacas de madeira mais nobre para evitar a alagação e a entrada de animais indesejáveis. A cobertura ainda é, predominantemente, de palha.

O grupo vicinal Ticuna é onde se dá, prioritariamente, as trocas matrimoniais e a solidariedade econômica e cerimonial. A formação e a manutenção de um grupo vicinal no tempo depende mais das estratégias pessoais de uma liderança política forte, que agrega junto de si uma quantidade razoável de parentes próximos, do que de um poder inerente àquela liderança. Este líder tem como funções a organização do grupo para trabalhos coletivos, o aconselhamento dos chefes de família a ele ligados, além de representar o grupo na comunicação com estranhos e "civilizados". Sua fonte de autoridade vem do fato de agir de acordo com o consenso, de executar aquilo que o grupo decide ser o mais acertado. Registra-se que as novas organizações criadas pelos Ticuna na busca da defesa de seus atuais interesses pretenderam substituir as relações de poder tradicionais daquela sociedade. Mesmo a figura do capitão geral, coordenador do CGTT, não está em oposição ao toeru.

O crescimento atual da população Ticuna é expressivo. Em grande medida, uma vitória desse povo e de suas organizações que buscam, conscientemente, aumentar cada vez mais a população do grupo. Os jovens entre 0 e 18 anos somam 88 e a população total das três aldeias, 146 pessoas, ou seja, os jovens chegam a 60,27% da população total da TI. Matintin. São dois os sítios históricos constatados na TI. Matintin. Um destes locais era moradia de um Ticuna de nome Manoel Bastos, que o "vendeu" para o Sr. Peti Mafra há cerca de 30 anos por um pequeno motor de rabeta. Há, como indicado no mapa da TI. Matintin, dois cemitérios na área proposta, um localizado próximo à aldeia Novo Dia e o outro próximo das aldeias Boa Vista e Vista Alegre. São cemitérios de uso antigo, tendo servido, no passado, também para o enterro de não-índios que moravam nas proximidades. Hoje somente os Ticuna os utilizam, segundo os seus padrões próprios.

VI - LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO

São 05 as ocupações não-índigenas incidentes na TI. Matintin: 1) Ademar Góis (LVA 02 em nome de Manoel Maia Góis, com uma pequena ocupação na ilha das Piranhas; 2) Roberto Mafra Filho, área Novo Paraíso; 3) Roberto Mafra Filho, área Paraíso I e Novo Horizonte, todas localizadas na Gleba II; 4) Possidônio Bastos, com uma pequena ocupação na Gleba I; e 5) Walter Neves, com uma área abandonada na Gleba I.

Do total dos ocupantes, os Ticuna têm problemas ligados à terra apenas com a família Góis, cujo principal líder é o Sr. Ademar, que além de possessor toma conta das áreas tituladas em nome de Roberto Mafra Filho. Segundo as Certidões de Filiação de Domínio fornecidas pelo Cartório de Registro de Imóveis e Anexos da Comarca de São Paulo de Olivença - AM, constata-se que as matrículas das terras ocupadas pelo Sr. Roberto Mafra têm como origem escrituras públicas de compra e venda e uma doação, não contando nenhuma delas com registros anteriores, nem com a devida outorga de quem de direito, o Estado do Amazonas. Nenhuma delas é habitada e não há ali construções de qualquer natureza, estando as fruteiras dessas áreas aparentemente uma pocoeira abandonada há cerca de dois anos. A área de posse do Sr. Possidônio Bastos, de cerca de 30 ha, conta com casa residencial, construída em estilo regional, várias fruteiras, e uma pequena área de capim braquiária. Seu ocupante encontra-se no local há cerca de trinta anos, sendo o ocupante primitivo da ocupação. Por fim, há ainda um terreno, próximo a aldeia de Novo Dia, que segundo contam foi uma comunidade criada pelo irmão José, chamada "Coxa Roxa". O cemitério utilizado pelos moradores da aldeia de Novo Dia está localizado ali. A área está abandonada. O pastor Walter Neves, herdeiro espiritual do irmão José, teria vendido a propriedade a um seu parente de nome Raimundo, que não se encontrava no local em 1998 nem em dezembro de 1999, entendendo os Ticuna que tal senhor não mais voltaria ao local.

VII - CONCLUSÃO

A TI. Matintin, com superfície de 20.400 ha e perímetro de 100 km, composta por duas glebas (Gleba "I" com 12.600 ha aproximados, formada por uma parte de terra firme e duas ilhas: Matintin e das Piranhas; e Gleba "II" com 7.700 ha aproximados, totalmente inundáveis). Sua divisão tem como ponto fundamental o fato do rio Içá ser um rio internacional, e uma das principais vias de acesso a significativas partes dos territórios dos dois países, Brasil e Colômbia, e por ser também a principal via de comunicação da região com o rio Solimões. As ilhas Matintin e Piranhas e o paraná do Matintin são os pontos indicativos da localização desta terra Ticuna. Esta TI. tem como limites parciais notáveis: ao norte o rio Tonantins; ao sul, o cano do lago Mapuru, que liga este lago ao rio Içá, ao leste o igarapé Lontra, que deságua no canal do lago Cuiawá, e a oeste, o igarapé Peruano, que tem sua confluência no paraná do Matintin.

A identificação dos limites e a configuração definitiva da TI. Matintin não ocorreram em um só momento, foram se dando à medida que se identificava e compreendia os seguintes pontos: 1) qual a área indicada pelos Ticuna das três aldeias como de sua posse; 2) como se deu o uso histórico da região e da área pelos Ticuna; 3) qual a área tradicionalmente ocupada e utilizada pela população das aldeias da área, segundo os usos costumes e tradições dessa comunidade; 4) qual era a imprescindibilidade das áreas reivindicadas para a preservação dos recursos ambientais necessários ao bem estar do grupo e à sua reprodução física e cultural; e 5) qual a sustentabilidade atual e futura da área reivindicada pelo grupo.

Resumidamente os limites da TI. Matintin, identificados e delimitados conforme mapa e memorial descritivo a seguir, podem ser assim explicitados: Quanto à Gleba "I". Os seus limites foram definidos tendo em vista: 1) garantir e proteger os recursos ambientais da região da terra indígena banhada pelos igarapés afluentes da margem direita do rio Tonantins, onde se concentram as áreas de terra firme agricultáveis, das quais dependem para sua produção agrícola, e as áreas de caça e de coleta ali existentes; 2) assegurar as condições de reprodução dos recursos ambientais utilizados pelos habitantes das aldeias Vista Alegre e Boa Vista, dentre os quais se destacam as áreas de agricultura de terra de terra firme, caça, coleta e pesca no lago Cuiawá; e 3) contar com pontos de amarração seguros e inconfundíveis, que são dois igarapés afluentes do rio Tonantins, o igarapé Lontra, o lago Cuiawá e o paraná do Matintin; 4) garantir aos Ticuna o paraná do Matintin, única via de acesso das Aldeias Novo Dia e Vista Alegre ao rio Içá, e as ilhas Matintin e das Piranhas, que são áreas de cultivos de vazante, de coleta e de pesca. Quanto à Gleba II. Seus limites se justificam sobretudo por: 1) proteger parte das áreas de cultivo de terra de várzea, de coleta e de pesca nos diversos lagos da área, especialmente do lago Mapuru, áreas de uso contínuo da população da aldeia Boa Vista e Novo Dia; 2) contar com limites bem definidos e inconfundíveis; o rio Içá, o canal do lago Mapuru e pela margem direita de parte deste. A definição dos limites dessa gleba configurou como parte da área a boca do igarapé que se dirige à cabeceira do lago Mapuru, este lago, a maior parte do ananizal existente na margem direita daquele igarapé, além dos dois sítios históricos da TI. Matintin.

Tendo em vista o exposto ao longo do texto do relatório, temos que a TI. Matintin foi identificada e delimitada respeitando o disposto pelo art. 231 da CF/88, Lei nº 6001/73 e Decreto nº 1.775/96, tendo sido formatado nos termos da Portaria nº 239/FUNAI/91 e nº 14/MJ/96. Conforme o mapa e o memorial descritivo a seguir, a TI. Matintin é de ocupação tradicional indígena Ticuna, nos termos do § 1º do art. 231, sendo por eles habitada em caráter permanente, utilizada para as suas atividades produtivas, imprescindível à preservação dos recursos ambientais necessários ao bem estar dos mesmos e necessária à reprodução física e cultural dos índios que a ocupam, segundo seus usos, costumes e tradições, no presente e futuro.

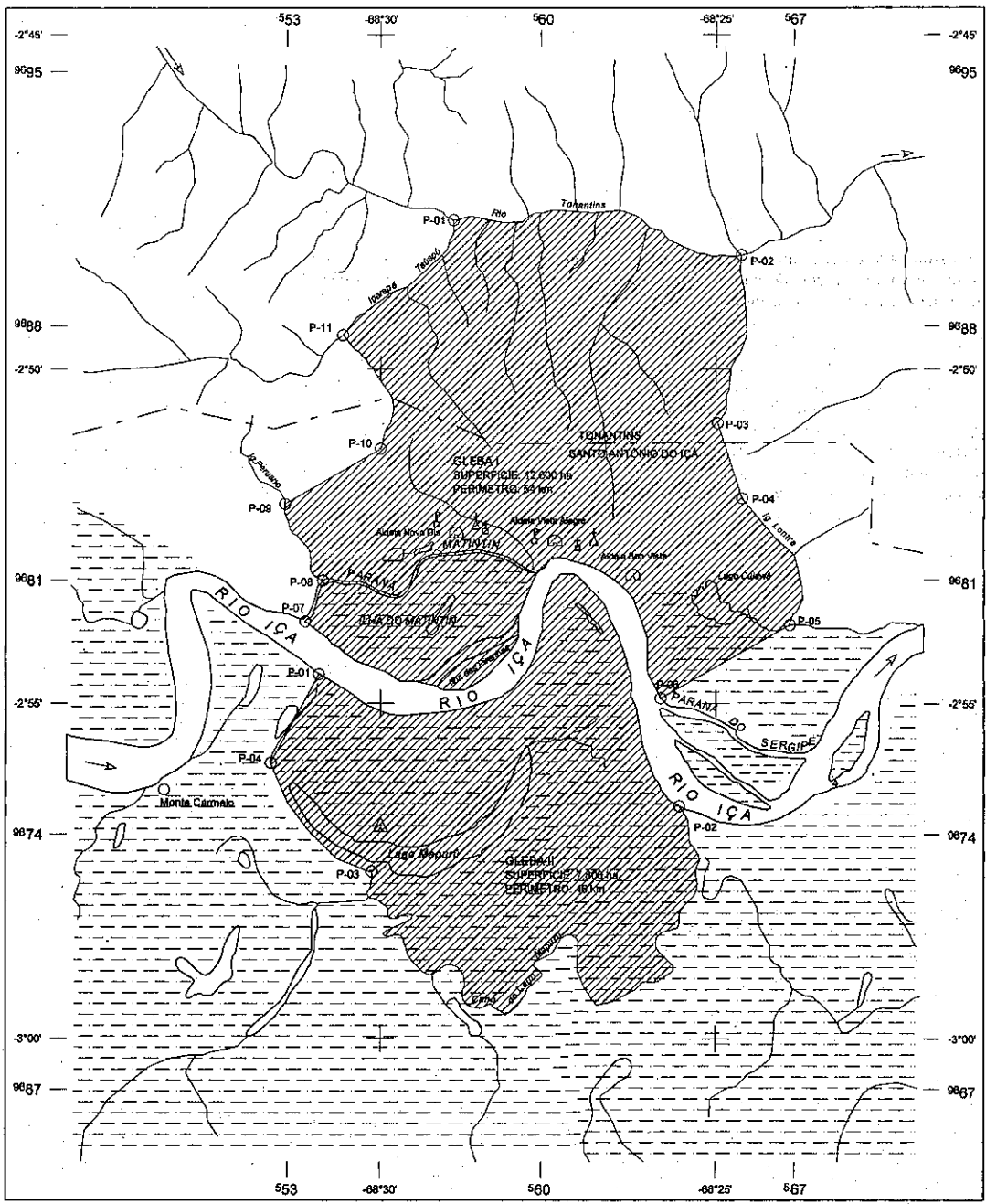
NORALDINO VIEIRA CRUVINEL - FÁBIO VAZ RIBEIRO DE ALMEIDA

MEMORIAL DESCRITIVO - DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

Gleba I: Superfície: 12.600 há, Perímetro: 54 Km. NORTE: partindo do ponto 01, de coordenadas geográficas aproximadas 02°47'46" S e 68°28'55" WGr., localizado na confluência do Igarapé Tauapú com o Rio Tonantins, segue por este, à jusante, até o ponto 02, de coordenadas geográficas aproximadas 02°48'18" S e 68°24'38" WGr., localizado na confluência com um igarapé sem denominação. LESTE: do ponto antes descrito, segue pelo igarapé sem denominação, a montante, até o ponto 03, de coordenadas geográficas aproximadas 02°50'49" S e 68°24'59" WGr., localizado em sua cabeceira; daí, segue por uma linha seca até o ponto 04, de coordenadas geográficas aproximadas 02°51'55" S e 68°24'37" WGr., localizado na cabeceira do Igarapé Lontra; daí, segue por este, a jusante, até o ponto 05, de coordenadas geográficas aproximadas 02°53'49" S e 68°23'54" WGr., localizado na confluência com o cano do Lago Cuiawá; daí, segue por uma linha seca até o ponto 06, de coordenadas geográficas aproximadas 02°54'55" S e 68°25'49" WGr., localizado na confluência do Paraná do Sergipe com o Rio Içá. SUL: do ponto antes descrito, segue pelo rio Içá, a montante, contornando a Ilha do Matintin e a Ilha das Piranhas, até o ponto 07, de coordenadas geográficas aproximadas 02°53'44" S e 68°31'10" WGr., localizado na confluência com o Paraná Matintin. OESTE: do ponto antes descrito, segue pela margem esquerda do Paraná Matintin, a jusante, até o ponto 08, de coordenadas geográficas aproximadas 02°53'10" S e

68°30'51" WGr., localizado na confluência com o Igarapé Peruano; daí, segue por este, a montante, até o ponto 09, de coordenadas geográficas aproximadas 02°52'01" S e 68°31'25" WGr., localizado em sua margem esquerda; daí, segue por linha seca até o ponto 10, de coordenadas geográficas aproximadas 02°51'12" S e 68°30'00" WGr., localizado na cabeceira de um igarapé sem denominação; daí, segue por este, a jusante, até o ponto 11, de coordenadas geográficas aproximadas 02°49'30" S e 68°30'34" WGr., localizado na confluência com o Igarapé Tauapú; daí, segue por este, a jusante, até o ponto 01, início da descrição deste perímetro. Gleba 2: Superfície: 7.800 há, Perímetro: 46 Km. NORTE: partindo do ponto 01, de coordenadas geográficas aproximadas 02°54'34" S e 68°30'55" WGr., localizado na margem direita do Rio Içá, segue por este, a jusante, até o ponto 02, de coordenadas geográficas aproximadas 02°56'32" S e 68°25'32"

WGr., localizado na confluência com o Cano do Lago Mapurú. LESTE: do ponto antes descrito, segue pelo Cano do Lago Mapurú até o ponto 03, de coordenadas geográficas aproximadas 02°57'30" S e 68°30'07" WGr., localizado nas margens deste cano, próximo ao Lago Mapurú. SUL: do ponto antes descrito, segue pelo Cano do Lago Mapurú até o ponto 04, de coordenadas geográficas 02°55'53" S e 68°31'38" WGr. OESTE: do ponto antes descrito, segue por linha seca até o ponto 01, início da descrição deste perímetro. OBS: 1 - Base cartográfica utilizada na elaboração deste memorial descritivo: SA.19-Z-A, Escala 1:250.000 - DSG - 1984; 2 - As Ilhas do Matintin e das Piranhas são partes integrantes da terra indígena.; 3 - As coordenadas geodésicas são referenciadas ao DATUM horizontal SAD 69. Responsável pela identificação dos limites: Zenildo de Souza Castro, Técnico em Agrimensura, AER/MAO.



- SINAIS CONVENCIONAIS**
- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
 - KUREJA - CEMITÉRIO
 - ALDEIA INDÍGENA - MALOCA INDÍGENA ANTIGA
 - CAÇA - PESCA
 - COLETA - SERINGAL
 - ROÇA, CASTANHAL
 - RODOVIA NÃO PAV. PERMANENTE
 - RODOVIA NÃO PAV. PERIÓDICA - CAMINHO
 - RIO PERMANENTE - RIO INTERMITENTE
 - LAGO OU LAGOA - TERRENO SUJEITO À INUNDAÇÃO
 - PONTO DIGITALIZADO - DIREÇÃO DE CORRENTE
 - LIMITE MUNICIPAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
 DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF

DENOMINAÇÃO: TERRA INDÍGENA MATINTIN		PLANTA: DELIMITAÇÃO	
MUNICÍPIO: SANTO ANTONIO DO IÇÁ e TONANTINS	SUPERFÍCIE: 20.400 ha	PERÍMETRO: 100 Km	DATA: 10/04/03
ESTADO: AMAZONAS	ESCALA: 1:150.000	PROCESSO: 2.057 / 99	BASE CARTOGRÁFICA: MIR-089
AER: TABATINGA	RESP. TEC. IDENTIFICAÇÃO LIMITES: NORALÉRIO VIEIRA CRUVINEL TÉCNICO EM AGRIMENSURA PEQUENA ESCALA	RESP. TEC. DEFINIÇÃO LIMITES: ZENILDO DE SOUZA CASTRO TÉCNICO EM AGRIMENSURA GRANDE ESCALA	VISTO CHEFE DA COORDE: PORTARIA N° 579 PRES/98 e 1102 PRES/99

TC015619